

Editorial

Conforme anunciáramos no editorial da *Escritos* 6, o presente número se beneficiou de alguns artigos que originalmente foram enviados para o dossiê de então, “Razão e subjetividade nas ciências e nas artes”. Diversas linguagens artísticas comparecem à discussão, incluindo a literatura, as artes plásticas e o cinema. A relação entre mudanças tecnológicas e sensibilidades sociais amplia o espectro da temática, que não deixa de ser tangenciada também nos estudos da modernidade carioca, em que transformações na arquitetura e nos hábitos marcam uma nova forma de vivenciar o urbano.

O volume é muito apropriadamente aberto pela análise de Rodrigo Ribeiro da obra de uma das principais intelectuais do século XX, Hannah Arendt, que não dissocia o ato de pensar e a vida na pólis. No momento em que no Brasil estamos finalmente enfrentando os fantasmas de um passado recente, as ideias de Arendt encaminham algumas das discussões aqui presentes, em particular a do significado político, cultural, psicológico e literário da trilogia do retorno de Fernando Gabeira, explorado por Leopoldo Waizbort. Apropriado também foi o fato de termos como nossa entrevistada Heloisa Buarque de Hollanda, reconhecida estudiosa do fenômeno “marginal” durante a ditadura militar e que hoje continua com seu inquieto misto de pensamento e ação junto aos grupos “periféricos” com sua Universidade das Quebradas.

Ainda que possamos vislumbrar alguma coerência no conjunto dos artigos oferecidos, a variedade é a marca da *Escritos*, como cabe a uma revista interdisciplinar. O cânone ocidental está representado por dois trabalhos em torno de Shakespeare. O Brasil do Oitocentos, outra constante de nossa publicação, aqui se concentra na Bahia de Jonathas Abbott e da Revolta Malê. E também o tempo presente comparece na análise comparativa de Lia Calabre das políticas culturais na América Latina.

Boa leitura!
Os editores